

RESENHA: REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: Estudos sobre o monoteísmo hebraico.* São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2009.

Lucas Merlo Nascimento¹

O livro apresenta uma série de estudos anteriormente publicados como artigos em diferentes revistas ou proferidos como “comunicações” em congressos acadêmicos pelo Prof. Dr. Haroldo Reimer. Biblista conhecido no círculo exegético latino-americano, de tradição luterana, Reimer atua junto a Universidade Católica de Goiás. Sua contribuição no âmbito bíblico é vasta, incluindo artigos em revistas de grande relevância como a *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA)*, livros e traduções de importantes obras como, por exemplo, *A Torá*, de Frank Crüsemann. Em seus estudos, Reimer aponta novas direções no âmbito da pesquisa bíblica para a compreensão da concepção do monoteísmo no Israel Antigo. A obra possui um total de 136 páginas, com biografia variada ao final. É editada pela Oikos, em parceria com a Universidade Católica de Goiânia.

No primeiro estudo, *Da diversidade à singularidade* Reimer faz um levantamento histórico das pesquisas em torno do surgimento do monoteísmo, partindo da formulação canônica de um monoteísmo original, passando pela tese do “monoteísmo ético” dos profetas, pelas tentativas do séc.XX de retrocedê-lo ao período tribal, chegando aos estudos mais recentes que compreendem a concepção do monoteísmo como uma construção gradual: de sincretismos de funções com o deus El e conflitos com Baal, desenvolvendo-se por meio da monolatria dos sécs.VIII e VII a.C. até a formalização do monoteísmo absoluto do período do segundo templo (sécs. VI-V a.C), quando o poder de Yhwh foi entendido como absoluto e as referências a outras divindades suprimidas pelo sacerdócio jerusalmitano.

Em *Monoteísmo e Identidade*, segundo estudo da obra, partindo da Bíblia Hebraica, da Arqueologia e Etnografia como fontes, Reimer retoma a construção histórica do monoteísmo, para então descrever que este ideário, sintetizado doutrinariamente na unicidade de Yhwh como Deus; na ausência de imagens no culto e no desdobramento ético da fé, é formado em meio a um caldo cultural, social e religioso, que, em conflitos e sincretismos, alguns espelhados na Bíblia Hebraica, aos poucos viabilizou a construção do monoteísmo, que, em sua expressão textual, serviu de fator identitário a uma diversidade de grupos judaicos.

Em *Inefável e sem forma*, estudo que confere título ao livro, o autor trabalha historicamente o aniconismo e sua expressão no segundo mandamento (Ex20,4-6; Dt 5,8-10). Para tanto compara as formas de organização do decálogo nas diferentes tradições religiosas. Observa que, no Israel Antigo, o aniconismo surge como reforço à monolatria javista, interditando o acesso a outras divindades. Porém nota que, se a proibição ao culto de imagens foi tendência “doutrinária” e “oficial”, a religiosidade cotidiana foi marcada pela utilização de imagens, como expressa por meio de dados arqueológicos. Além disso, a proibição à formulação imagética de Yhwh não “deu conta” de formulações linguísticas acerca do mesmo, por meio das quais é descrito em termos antropomórficos. O autor termina ressaltando que o aniconismo encontra-se com a mística ao compreender o Sagrado de forma indefinida, inefável, indescritível.

No quarto estudo, *A corporeidade de Deus*, Reimer descreve fenomenologicamente questões de corpo e gênero na Bíblia Hebraica, em referência a Yhwh. Ressalta que a monolatria (proibição de cultuar outros deuses) é acompanhada pelo veto à expressão imagética de Yhwh, o que conduziria à não caracterização deste como ser erótico. Tal tendência, ressalta Reimer, não acompanha necessariamente a religiosidade como expressa na cultura material, descoberta pela arqueologia. Além disso, os textos da Bíblia Hebraica, ainda que expressem a divindade imaginada em forma humana, ressaltam uma postura de velamento diante de suas manifestações. Por último, Reimer descreve como os profetas, ao falarem da Yhwh, expressam-se atribuindo-lhe ações e funções masculinas. Porém tal tendência majoritária não impediu que a Bíblia Hebraica preservasse também atribuições femininas para Yhwh.

A serpente e o monoteísmo, último estudo da obra, o autor investiga o significado da serpente como expresso em Gn3. Para tanto, aproveita-se das recentes críticas à teoria das fontes para abrir caminho à nova datação e compreensão do relato. Ressalta as características mítico-simbólicas do relato, para, então, compreendê-lo no contexto do dualismo persa do pós-exílio, em que, ao formular-se o monoteísmo absoluto, a serpente serviria como símbolo capaz de cooptar outros cultos e divindades, opondo-os a Yhwh.

A obra de Reimer é leitura desafiadora a uma concepção dogmática das Bíblia Hebraica e da religião de Israel. É convite a explorar a dinâmica cultural, histórica e religiosa na qual a Bíblia Hebraica e o ideário monoteísta foram fomentados: em meio à diversidade, sincretismos e confrontos.

¹ Doutorando em Estudos Judaicos (USP), Mestre em Ciências da Religião (UMESP), Bacharel em Teologia (FTBSP). Professor da área de Antigo Testamento na Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Contato: merlo.lucas@hotmail.com